



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFACIG
FACULDADE DE MEDICINA

OS IMPACTOS DAS *FAKE NEWS* NA ADEÇÃO À VACINAÇÃO

Henrique Santos Fernandes

Manhuaçu
2021



HENRIQUE SANTOS FERNANDES

OS IMPACTOS DAS FAKE NEWS NA ADESÃO À VACINAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Centro Universitário UNIFACIG, como requisito parcial à obtenção do título de Médico.

Área de Conhecimento: Ciências da Saúde.
Orientadora: Dr.^a Tatiana Vasques

Banca Examinadora:

Tatiana Vasques

Guilherme Barbosa de Souza Araújo

Kairan Borela Nacif

Aprovado em: 14/ 07/ 2021

Manhuaçu
2021

OS IMPACTOS DAS FAKE NEWS NA ADESÃO À VACINAÇÃO

Henrique Santos Fernandes¹, Tatiana Vasques²

¹ Graduando em Medicina, Centro Universitário UNIFACIG,
hsfernandes97@gmail.com.

² Doutora em Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais,
tativas@globob.com

Resumo:

O presente trabalho tem o objetivo de demonstrar os impactos das fake News na adesão à vacinação, por meio de uma revisão de literatura, buscando dados que versassem sobre a temática em questão. Tendo em vista que o compartilhamento de notícias falsas é um problema que afeta a sociedade em geral, no contexto da saúde não é diferente, especialmente, no que tange a assuntos sobre vacinação. Por conta dessa problemática, tem-se percebido um movimento antivacina, fazendo com que menos pessoas se vacinem, e ainda, doenças que já haviam sido erradicadas por conta da vacina, ressurgindo. A fim de compreender esse fenômeno, a presente pesquisa realizou uma busca nas seguintes bases de dados: SciELO, PubMed e Google Scholar. Com isso, foi possível perceber que esse movimento antivacina tem ganhado força nas redes sociais digitais, portanto, sendo necessária mais atenção para que essa corrente não atinja a maioria, logo, dando mais voz à ciência e sua capacidade de produzir mecanismos imunizadores eficazes e seguros.

Palavras-chave: Fake News. Vacinação. Movimento Antivacina.

1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que a atual sociedade faz parte de uma geração que compartilha conteúdos na internet de forma muito rápida e fácil, fazendo com que haja uma dissolução das fronteiras de comunicação. Com isso, os conteúdos compartilhados podem causar muitos efeitos, sejam positivos ou negativos, podendo trazer informações verdadeiras ou falsas. No âmbito da saúde, o compartilhamento de *Fake News* impactou a sociedade de tal forma, que a procura por vacinas sofreu uma queda significativa nos últimos anos, potencializando os casos de doenças que já haviam sido erradicadas (MCCLURE; CATALDI; O'LEARY, 2017).

O termo vacina surgiu em 1789, quando o médico Edward Jenner, em uma experiência valiosa, aplicou linfa das lesões de uma ordenhadora de vacas em um menino, pensando na possibilidade que a pústula da varíola bovina pudesse gerar a imunização de pessoas que entrassem em contato com ela. Ele pensou sobre isso após analisar que as mulheres que ordenhavam vacas não se infectavam com a varíola, apenas tinham pequenas lesões em suas mãos (LESSA & DÓREA, 2013). Partindo desse experimento, o processo de imunização humana recebeu o nome de vacina, oriundo do latim *vacinnus*, cujo significado é “vacas” (ROITT; BROSTOFF; MALE, 2003).

De acordo com Hochman (2011), no Brasil, o início do processo de vacinação foi muito difícil. No início do século XX, a vacinação antivariólica tornou-se obrigatória, conseqüentemente, vários setores da população se uniram, ocasionando a Revolta da Vacina, onde as pessoas se uniam indignadas com a obrigatoriedade da imunização.

A vacinação foi uma descoberta precursora para a Medicina Preventiva, que visa não somente tratar a doença, mas sim busca evitá-la, pensando no baixo custo da prevenção, quando comparada ao tratamento, e primordialmente pensando nos benefícios para a qualidade de vida e saúde do indivíduo (HOCHMAN, 2011).

No Brasil, campanhas públicas de vacinação têm encontrado dificuldades em bater suas metas, como aconteceu em 2014, no caso do HPV (QUEREDO, *et al.*, 2016). De acordo com Sacramento (2018), esse fato decorreu-se da constante proliferação de *Fake News*, como aconteceu com a epidemia de febre amarela, nos anos de 2017 e 2018. Nesse sentido, doenças que já haviam sido erradicadas ou amenizadas têm voltado à tona, em níveis preocupantes, como em 2018, com o surto de sarampo (HORTAL & DI FÁBIO, 2019). É sabido que há vários fatores que contribuem para esse triste resultado, como a falta de acesso aos serviços de saúde, contudo, a questão trazida aqui é sobre o medo ou ceticismo em relação à vacinação, sendo imprescindível entender a importância que a informação tem nesses casos.

O Programa Nacional de Imunizações (PNI), instituído em 1973, desempenhou papel decisivo no sucesso do controle das doenças vacinais evitáveis no Brasil, antes mesmo da criação do Sistema Único de Saúde (SUS) em 1988. Sua atuação contribuiu muito para uma importante melhoria na saúde da população brasileira. Por exemplo: erradicação da varíola; eliminação da poliomielite e febre amarela urbana, disseminação do vírus do sarampo (2016) e rubéola (2015); e redução da difteria, tosse convulsa, causada por *Haemophilus influenzae* tipo B em crianças menores de 15 anos de idade, incidência de meningite, tétano, tuberculose e ainda, recentemente, meningite e pneumonia (BRASIL, 2016). As vacinas previnem a mortalidade por doenças, principalmente nos primeiros anos de vida, tendo impacto significativo no aumento da expectativa de vida e na diminuição das hospitalizações (TEIXEIRA & DOMINGUES, 2013).

Contudo, mesmo com o sucesso evidente do PCI, percebe-se que ainda há obstáculos a serem combatidos. Por não conviverem mais com a morte e a invalidez por doenças evitáveis, algumas pessoas não têm mais consciência dos riscos que essas doenças representam para a saúde, para os familiares e para a comunidade (VICTORA, 2013). Nesses casos, as pessoas ficam preocupadas com os eventos adversos e as falsas notícias sobre a imunobiologia, o que faz com que muitos não entendam mais a importância e os benefícios das vacinas. Embora pouco ativas no Brasil, as campanhas antivacinas estão se tornando mais frequentes e convincentes, disseminando informações sobre os riscos da vacina sem evidências científicas (APS *et al.*, 2018). No entanto, fatores operacionais (por exemplo, horário restrito do setor saúde e registro insuficiente das doses utilizadas no sistema de informação do Programa Nacional de Imunizações (SI-PNI)) dificultam o acesso aos insumos, bem como as metas de vacinação.

Notícias falsas e a falta de informação na área da saúde são problemas graves, quando são espalhadas pelas mídias sociais, afetando a saúde pública e coletiva. Foi verificado que 40% dos links compartilhados com maior frequência constituem-se de notícias falsas, sendo que os conteúdos mais falsos são a respeito de vacinação. Ainda, é importante deixar claro que a disseminação de notícias falsas pode acarretar danos severos à saúde, podendo levar ao óbito (WASZAK; KASPRZYCKA-WASZAK; KUBANEK, 2018). Partindo dessa contextualização, o presente trabalho tem como objetivo demonstrar os impactos das *Fake News* na adesão à vacinação no Brasil.

Ainda nesse intento, compreende-se que *Fake News* (notícias falsas) são informações que têm o objetivo de conceber uma conjuntura de algum fato ao público, contudo, parte ou o conteúdo inteiro contém informações que não são verdadeiras. Esse processo não acontece apenas no âmbito jornalístico, mas afeta também a saúde, educação, justiça, dentre tantos outros.

As consequências dessas falsas notícias são graves, a saber, ao gerar uma notícia falsa sobre as vacinas, os indivíduos podem entendê-las como verdade e pior, não vacinar, tornando-se passíveis de contrair doenças, sendo que já possuem vacinas no mercado para combatê-las.

Portanto, este trabalho justifica-se por trazer à tona discussões que giram em torno dos impactos que as *Fake News* podem causar na adesão à vacinação, sendo ainda, objeto de outros estudos e sensibilizando os indivíduos, para que esses problemas sejam cada vez menores.

2. METODOLOGIA

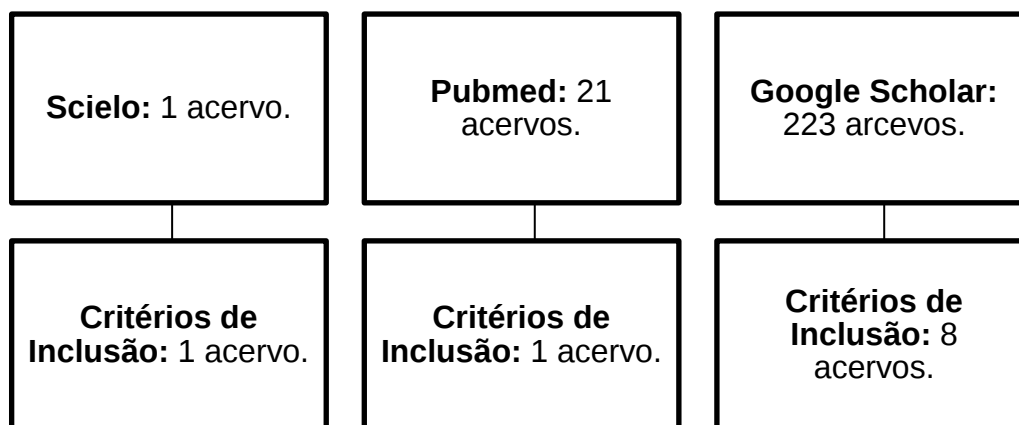
Para tornar possível a realização deste trabalho, a metodologia está baseada no levantamento bibliográfico, sendo realizada no período de maio de 2021, utilizando a estratégia de busca e identificação dos trabalhos científicos a partir dos seguintes descritores: *Fake News* e Vacinação, utilizando o operador booleano “AND”. A busca foi realizada nas seguintes bases de dados: SciELO, PubMed e Google Scholar.

Quanto aos critérios de exclusão, não foram considerados estudos de caso, bem como estudos que não fossem pertinentes à proposta aqui apresentada. A escolha ocorreu a partir da aplicação dos critérios de inclusão, ou seja, trabalhos que estivessem dentro do recorte temporário (2019-2020), trabalhos que

dialogassem com a proposta aqui apresentada. Após isso, foi feita a leitura de títulos, resumos e, quando pertinentes, leitura completa dos trabalhos.

Assim, para elucidar as etapas percorridas e identificar os trabalhos encontrados, foi criado um esquema, como mostra a Figura 1.

Figura 1 – Esquema de identificação e seleção dos trabalhos



Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

O quadro 1 representa a distribuição das produções divididas pela identificação do ano, título, autores e resumo do trabalho.

Quadro 1 – Estudos selecionados nas bases de dados SciELO, PubMed e Google Scholar

ANO	TÍTULO	AUTOR(ES)	RESUMO
2019	“Systematic Literature Review on the Spread of Health-related Misinformation on Social Media”	WANG, Y.; MCKEE, M.; TORBICA, A.; STUCKLER, D.	O trabalho dialoga a respeito das consequências de notícias falsas, especialmente, no âmbito da saúde, alertando que o mau uso de informações pode gerar até a morte.
2019	“A trajetória da cobertura vacinal no Brasil e a influências das	FERRO, M. R. C.; CALDAS, R. S.	O trabalho faz uma cobertura vacinal no Brasil, mostrando que as Fake News ocasionaram uma queda na adesão à

	Fake News”		vacinação.
2020	“O debate sobre vacinas em redes sociais: uma análise exploratória dos <i>links</i> com maior engajamento”	MASSARINI, L.; LEAL, T.; WALTZ, I.	O estudo mostrou que há um bom quantitativo de pessoas adeptas à vacinação, contudo, os links compartilhados por esses indivíduos não possuem fontes confiáveis.
2020	“A rede de desinformação e a saúde em risco: uma análise das fake News contidas em ‘As 10 razões pelas quais você não deve vacinar seu filho’”	FERNANDES, C. M.; MONTUORI, C.	O estudo partiu de uma publicação no Facebook com um título instigante, a fim de analisar as motivações que levam as pessoas a não vacinar. Evidenciou-se que algumas pessoas fazem o mal uso das redes sociais.
2020	“Fake News colocam a vida em risco: a polêmica da campanha de vacinação contra a febre amarela no Brasil”	TEIXEIRA, A.; SANTOS, R.C.	A partir de uma investigação na campanha de vacinação contra a Febre Amarela no ano de 2017, os autores constataram que as Fake News foram grandes causadoras da diminuição de pessoas vacinadas.
2020	“O movimento antivacina no YouTube nos tempos de pós-verdade: Educação em saúde ou desinformação?”	COSTA, B. B.; VIEGAS, D. J.; MOREIRA, T. A.; ABREU, P. A.	O trabalho investiga vídeos antivacina no Youtube e faz uma alerta a respeito do movimento que vem ganhando força na internet.
			A partir de uma entrevista realizada em 2017, a respeito da campanha de vacinação contra a Febre Amarela, os

2020	"Fake News, Whatsapp e vacinação contra febre amarela no Brasil"	SACRAMENTO, I.; PAIVA, R.	resultados mostraram que as pessoas se baseiam mais em suas convicções do que nas estratégias de persuasão do SUS.
2020	"Fake News e vacinas nas era "pós-verdade""	DRESCH, L. S. C.; PRETO, D. R.; FARIA, M. A.; CASAGRANDE, A. P.; SCHMITZ, D.; DOMINGUES, H. S.; ROCHA, C. M. F.	O estudo analisou textos no portal do Ministério da Saúde sobre Fake News e vacinação, chegando à conclusão de que quando uma pessoa decide não vacinar, o problema deixa de ser individual e passa a ser coletivo.
2020	"Movimento antivacina: revisão narrativa da literatura sobre fatores de adesão e não adesão à vacinação"	PASSOS, F. T.; MORAES, I. M.	O estudo aponta para a importância de haver agentes de saúde mais capacitados para informar à população, acreditando que eles sejam fortes aliados no combate à <i>Fake News</i> .
2020	"A ameaça da não-vacinação na sociedade digital e da desinformação"	RAMOS, P.E.	O trabalho busca mostrar a importância de haver um mecanismo forte de informação, ou seja, uma fonte confiável e mais popular, para que assim, as pessoas tenham mais acesso a esse tipo de informação.

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

3. RESULTADOS

Como foi dito anteriormente, o trabalho é de cunho qualitativo, fundamento na revisão de literatura, portanto, os resultados aqui presentes dialogam com a metodologia. O ano de 2018 foi marcado negativamente pelo retorno de doenças que já tinham sido erradicadas. Com isso, muitos pesquisadores dedicaram seus estudos com o intuito de entender o que motivou tal problemática, chegando à conclusão de que as *Fake News* contribuíram para que as pessoas não se vacinassem, uma vez que as notícias compartilhadas sobre as vacinas eram falsas.

O processo de vacinação no Brasil

O estudo de Massarini, Leal & Waltz (2020) mostrou que o processo de vacinação em massa no mundo inteiro, pode ser concebido como uma fundamental contribuição vinda da pesquisa científica na sociedade. Além disso, é uma forma muito importante para o exercício da saúde pública, sendo responsável pela erradicação e controle de várias doenças, no sentido de proteger a população. Mesmo com resultados tão satisfatórios, ainda é possível se deparar com pessoas que duvidam de sua eficácia, mais precisamente na última década, por conseguinte, o número de pessoas vacinadas diminuiu recentemente, assim como a taxa de crianças vacinadas também diminuiu.

Concepções de Fake News

De acordo com Wang *et al.* (2019), depois da eleição para presidente nos Estados Unidos em 2016, o termo “*Fake News*” ganhou destaque nas mídias e nas pesquisas acadêmicas. O vocábulo se sobrepõe a outras maneiras de informação falsa, em especial a falta de informação, no sentido de transmitir mensagens, histórias ou convicções que se compartilham de forma muito rápida, por meio de contatos sociais e/ou mídias sociais. É importante diferenciar falta de informação de desinformação. A primeira consiste em informar de forma inadvertidamente falsa, porém, sem intenção de causar danos. Enquanto a segunda, consiste em informar falsamente, sendo criada no intuito de induzir ao erro.

Corroborando Fernandes & Montuori (2020, p. 451),

A ampliação do fenômeno da desinformação encontra-se imbricada com o crescimento exacerbado das fake news que, amparadas pelas redes sociais, tais como Facebook, Twitter e WhatsApp contribuem significativamente para que conteúdos falsos se espalhem com rapidez e tenham longo alcance. A ubiquidade que a internet oferece torna o fenômeno cada vez mais recorrente para diferentes propósitos. A avalanche de opiniões, crenças e valores propagados nos espaços virtuais exige do leitor maior seletividade, sob o risco de consumir conteúdo pouco crível.

Portanto, evidenciamos que as *Fake News* estão mais presentes nas redes sociais digitais, espalhando-se de forma muito rápida e alcançando grandes números

de pessoas. Ademais, a internet traz esse teor ubíquo, propagando diversas opiniões e crenças.

No que diz respeito as *Fake News*, Sacramento e Paiva (2020, p. 86) salientam que:

Na contemporaneidade, estamos passando de um regime de verdade baseado na confiança nas instituições para um regulado pelos dogmas, pela intimidade, pela experiência pessoal. Uma radicalização do “ver para crer” – frase atribuída ao personagem bíblico Tomé que se tornou um ditado popular ao longo de muitos séculos – ancora nosso atual regime de verdade que estabelece algo como o “viver para crer” e ainda um ter “vivido para ser crível”. Nesse contexto, a experiência tem legitimado o conhecimento sobre a verdade. É intensamente valorizado um outro tipo de autoridade: a autoridade experiencial. Ela enfatiza o caráter testemunhal – eu vivi, eu sei – e produz na primeira pessoa (naquele que viu, viveu, sentiu) da experiência e da narrativa de um determinado acontecimento a origem da verdade ou um documento de que o narrado realmente existiu.

À vista disso, é possível notar que a sociedade traz consigo uma raiz muito experiencial, valoriza muito as experiências vividas por outras pessoas e atribuem um valor a essas vivências como verdade absoluta. Arelado a isso, observamos as *Fake News* que não possuem embasamento científico, mas que podem partir de uma experiência vivida ou inventada por alguém.

Os impactos das Fake News na adesão à vacinação

Ao analisarem os links de maior engajamento que giram em torno das vacinas, ou seja, os autores buscaram reconhecer os links que tiveram mais acesso entre 2018 e 2019, assim, Massarini, Leal & Waltz (2020, p. 5) relataram:

As *fake news* responderam por 13,5% do total de links com maior engajamento. O peso das notícias falsas no cenário analisado é evidenciado também pela quantidade de conteúdos produzidos com base em *fact checking*. Ao todo foram sete matérias (7,86%) desmentindo informações falsas, sendo três de meios jornalísticos (*Zero Hora*, *UOL* e *Último Segundo*), dois de sites especializados na prática (*E-farsas* e *Boatos.org*), um institucional (da Associação Brasileira de Saúde Coletiva – Abrasco) e um site de comentários políticos (*Plantão Brasil*). Isso demonstra que a preocupação com a veracidade e a correção de informações também é um fator de engajamento nas redes sociais.

Diante disso, percebemos que as *Fake News* têm um espaço significativo nos links de engajamento, mesmo que em número menor, esses resultados servem de alerta para observar o papel da desinformação nas redes sociais.

Teixeira & Santos (2020) relataram que aproximadamente um século após a gripe espanhola, até então, considerada como a maior pandemia da história, nunca se observou um número tão baixo de imunização da população no Brasil contra as doenças contagiosas. A saber, a vacina contra a poliomielite alcançou 96,76% da população, em 2014. Ainda, em 2015, alcançou 98,29%. Enquanto em 2016, apenas 84,2% da população. Outro dado a ser analisado é a imunização contra a hepatite tipo A, que em 2015, atingiu 97,07% e em 2016, não ultrapassou o número de 71,57%.

Ainda corroborando Teixeira e Santos (2020, p. 74), no Brasil, os alvos recentes de *fake News* está:

a campanha de vacinação contra a febre amarela, que servirá de contexto pelos autores deste artigo para fazer a leitura da ação e da participação das fake news no processo de despotencialização dos programas de imunização. A campanha de âmbito federal foi uma reação ao surto da doença em fins de 2016, com os primeiros casos registrados e mortes no estado de Minas Gerais.

Os autores apontam que as *Fake News* foram grandes causadoras da redução de vacinação no país, sendo constatado que houve uma desinformação de que a vacina não tinha potencial para combater a doença, sendo que essa referência está equivocada.

Sob a perspectiva de Costa *et al.* (2020), mesmo com tantos resultados positivos com a vacinação no Brasil e mesmo com muitos adeptos a esse movimento, há um movimento antivacina, que envolve um grupo de pessoas com pensamentos em comum, que escolhem não vacinar ou vacinar seus filhos, tendo como embasamento ideias de que as vacinas possuem efeitos colaterais. Esse movimentou iniciou em 1998, depois que o médico Dr. Andrew Wakefield publicou um artigo juntamente com outros autores, alegando que havia uma relação direta entre o autismo e a vacina tríplice viral. No entanto, tempos depois, o *General Medical Council* inglês publicou um relatório dizendo que foi uma atitude antiética e sem responsabilidade dos autores, ainda, Wakefield foi responsabilizado criminalmente, tendo seu registro médico cassado e seu artigo excluído do periódico.

4. DISCUSSÃO

Perante os dados coletados, foi possível perceber que os resultados correspondem a trabalhos publicados durante os anos de 2019 e 2020, que dialogassem com o tema aqui trazido, ou seja, que adequasse ao assunto sobre os impactos das *Fake News* na adesão à vacinação. Após realizada a coleta de trabalhos nas bases de dados PubMed, Scielo e *Google Scholar*, foi possível resgatar 245 trabalhos que atendessem aos critérios de inclusão e exclusão. No entanto, dentre esses 245 artigos encontrados, 10 foram selecionados para serem discutidos, pois eram os que se encaixavam melhor na temática aqui proposta e dialogavam mais com o estudo aqui apresentado.

Diante dos estudos selecionados, encontrou-se um consenso quanto à problemática das Fake News, que assola não somente a adesão à vacinação, como também, outros problemas sociais, sejam eles políticos, culturais, religiosos etc. Além disso, observamos que por conta da pandemia causada pela COVID-19, o número de publicações cresceu muito, no entanto, não nos valemos dessa temática, mas sim, analisamos os trabalhos que dialogavam de uma forma mais generalizada sobre as campanhas de vacinação.

Com base nos estudos de Teixeira e Santos (2020), observamos que o artigo investiga notícias falsas sobre a saúde pública em redes digitais e aplicativos de trocas de mensagem. Os autores elegeram como fonte investigativa, a campanha de vacinação contra a febre amarela, no final de 2016. A respeito disso, eles constataram que as Fake News são problemas sérios, sendo responsáveis pela diminuição da busca pela vacinação, ou seja, pelos baixos níveis internacionais de imunização.

Ferro e Caldas (2019) apresentaram um estudo sobre a trajetória da cobertura vacinal no Brasil e a influência das Fake News, com o intuito de analisar os desafios presentes para alcançar a cobertura adequada no Brasil. Os resultados mostraram que as notícias falsas foram grandes responsáveis pela queda da cobertura vacinal no Brasil, por conta da era tecnológica, as pessoas acessam às informações de forma muito mais rápida, digerindo conteúdos de todos os tipos e não verificam a fonte oferecida, bem como sua veracidade.

Em concordância com Ramos (2020), a vacinação é uma das mais significativas intervenções em saúde pública, sendo um fator importante da redução da taxa de mortalidade, doenças infecciosas e doenças oncológicas. Contudo, com o advento das redes sociais, houve uma queda nessa adesão. Com isso, o autor salienta que é necessário criar uma “marca” forte, credível e presente em todas as plataformas, para sanar as dúvidas dos pais, por exemplo. Isso é, um mecanismo eficiente para combater essas fake News, mostrando referências no assunto, trabalhos científicos, preservando a relação entre a comunidade e a ciência.

Ao debruçarem seus estudos sobre a forma como a rede de desinformação coloca a saúde em risco, Fernandes e Montuori (2020) trouxeram um estudo baseando-se em uma publicação do Facebook, cujo título era: “As 10 razões pelas quais você não deveria vacinar seus filhos”. A partir desse transtorno, foi possível perceber que a democratização do espaço virtual fez com as comunidades atuantes se ampliassem, mesmo com a falta de veracidade, mesmo com a saúde pública desenvolvendo campanhas, alertando sobre riscos, prevenções, tratamentos, dentre outros. Por isso, a desinformação nas redes sociais é um perigo, visto que, dependendo da informação apresentada, há risco de comprometimento com a saúde do indivíduo. Diante disso, eles concluíram que as redes sociais estão cada vez mais potentes e estimulam o movimento de disseminação de falsas notícias.

O trabalho de Sacramento e Paiva (2020) mostra a respeito das Fake News e a vacinação contra a febre amarela no Brasil, com o objetivo de analisar a forma como os usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) consomem e circulam as informações a respeito das vacinas. O estudo foi realizado através de entrevistas no final de 2017. Os resultados mostraram que as redes de comunicação on-line corroboram com outros processos sociais já existentes, principalmente com a religião, fazendo com que as informações oferecidas tenham mais a ver com a convicção do indivíduo do que com a persuasão mostrada.

Os estudos de Wang *et al.* (2019) mostram que o período atual pode ser concebido como “uma era de notícias falsas”, em que as pessoas espalham notícias

de forma muito rápida, sem realizar a validação da informação, seja intencionalmente ou não. Os autores apontaram que esse problema afeta todas as áreas da vida, mas chamaram a atenção para o âmbito da saúde, onde as informações erradas podem impedir o tratamento correto, ameaçando a vida dos pacientes. Eles chegaram à conclusão de que são necessários mais estudos interdisciplinares sobre a temática, a fim de buscar medidas de intervenção eficazes para combater essa disseminação de informações falsas.

De acordo com Massarini, Leal e Waltz (2020), ao realizarem um trabalho com o objetivo de investigar o engajamento e as interações nas redes sociais sobre as vacinas, verificaram que há uma predominância de pessoas a favor da vacina, contudo, parte das fontes que são realizadas as buscas, não traz informações altamente confiáveis. Ademais, foi possível averiguar que as fake News estão presentes nos links com maior engajamento, preocupando os pesquisadores. Eles chegaram à conclusão de que é necessário melhorar as dinâmicas de informação sobre as campanhas de vacinação e proporcionar melhoras na comunicação pública sobre a temática.

Segundo Costa *et al.* (2020), após realizarem uma análise em vídeos sobre o movimento antivacina no YouTube, foi possível notar que é um movimento que vem ganhando força em tempos de pós-verdade, pois as mídias sociais têm grande relevância na saúde pública e suas informações. Feito isso, as autoras mostraram que, embora estejam em minoria, há vídeos na plataforma em questão, que apontam a vacina como a grande vilã da história, sendo vídeos sem embasamento científico, teorias conspiratórias e fake News. Por conta disso, elas chegaram à conclusão de que muitos seguidores se identificam com o movimento antivacina, portanto, é necessário que haja mais informações, estudos e divulgações sobre a importância da vacinação.

Sobre esse aspecto, Costa *et al.* (2020, p. 223) salientam que:

A facilidade no acesso e velocidade do tráfego de informações com a internet tem facilitado o consumo e disseminação de informações falsas e termos como fake news, pós-verdade e desinformação se tornaram populares. Nesta nova relação com o saber na sociedade pós-moderna ocorre ascensão da desconfiança em relação à história oficial, e a sobrecarga cognitiva com o excesso de informação leva a uma condição de apatia denominada por alguns autores de “zumbificação da informação” em que as pessoas consomem e disseminam informações falsas ou distorcidas sem notar.

Portanto, a internet não foi a criadora de Fake News, mas pode ser considerada como um mecanismo que potencializa esse fenômeno. Os autores ainda acrescentam que isso tudo pode acontecer por falta de análise crítica e falta de checagem nas fontes, a fim de averiguar a veracidade da informação coletada (COSTA *et al.*, 2020).

Mediante os estudos de Dresch *et al.* (2020), percebemos que a disseminação de notícias falsas tem comprometido a capacidade dos agentes públicos em combater esse problema. O estudo buscou analisar os textos contidos no portal do Ministério da Saúde do Brasil, nominado como “Saúde sem Fake News”. O resultado do estudo mostrou que o impacto de uma pessoa não querer vacinar vai além da saúde individual, ou seja, não afeta só ele, mas afeta toda uma sociedade. Dessa forma, vimos que o tema é importante no sentido de prevenir

doenças e fica o estímulo para procurar mecanismos que possam combater esse compartilhamento de Fake News.

Contudo, observa-se que esse problema não é de hoje, Dresch *et al.* (2020, p. 11) dizem que,

É importante frisar que não é de hoje que a sociedade lida com notícias falsas plantadas nos meios de comunicação. Ocorre que a imprensa tradicional não é mais a única ou a principal fonte informativa, já que os processos de midiatização digital ampliam o alcance e a disseminação tanto de boatos como das chamadas “verdades” baseadas muito mais em opiniões e crenças do que em fatos objetivos, fenômeno característico dos tempos da pós-verdade.

Assim, percebe-se que nos tempos da pós-verdade, esse problema tem afetado de forma significativa, aumentando o poder de manipulação de informações, fazendo com que as informações sejam compartilhadas de forma mais rápida e baseadas nas crenças.

Segundo Passos e Moraes (2020, p. 172),

Nos dias atuais, mais do que a desinformação, as informações falsas nas mídias sociais induzem a um novo movimento antivacinal. Associada à falta de informação, as fakes news disseminadas pelas influentes mídias digitais contribuem com a queda nas taxas de cobertura vacinal. E, o efeito da não vacinação, sem dúvida, gera um grande impacto epidemiológico provocando o ressurgimento de doenças já erradicadas no Brasil, como o sarampo, poliomielite, difteria e rubéola que voltam a ameaçar a saúde pública brasileira.

De acordo com essas informações trazidas pelos autores, se as pessoas não aderirem a campanhas de vacinação, não buscarem informações, o problema pode atingir um efeito negativo para a população, a saber, ressurgindo doenças que as vacinas já são capazes de erradicar.

Passos e Moraes (2020) demonstraram em seus estudos que atualmente, o problema está além da falta de informação, pois há a presença de informações falsas presentes nas mídias sociais, chegando ao movimento antivacina. Os autores chegaram à conclusão de que são necessários mais agentes de saúde capacitados, informados e estruturados para levar as informações de forma segura à população. Com isso, o estudo aponta que os profissionais de saúde são os grandes aliados para combater esse movimento antivacina, sendo capazes de informar adequadamente todas as faixas etárias sobre a importância e histórico da vacinação.

Dessarte, é possível notar que há um consenso na literatura a respeito da maneira que as Fake News são perigosas, ainda mais no âmbito da saúde. O movimento antivacina, embora esteja em menor número atualmente, vem ganhando força cada vez mais nas redes sociais digitais em tempos de pós-verdade.

5. CONCLUSÃO

Diante dos apontamentos supracitados, fica evidente que as vacinas são aliadas dos indivíduos e não inimigas, acima de tudo, elas são necessárias para que os riscos de infecções sejam cada vez menores. Portanto, é necessário que haja mais investimentos em estudos, matérias primas e claro, mais valor para quem as estuda.

Embora o índice de pessoas adeptas à vacinação seja maior do que o número de pessoas antivacina, continuam sendo necessárias mais campanhas a favor da vacinação, mais informações confiáveis e maiores fiscalizações em fontes de precedências duvidosas, a fim de que as *Fake News* diminuam cada vez mais e a população fique informada com conteúdos que sejam embasados cientificamente. Além do mais, é de suma importância que a ciência seja valorizada e respeitada, para que assim, mais doenças sejam erradicadas a partir da vacinação.

REFERÊNCIAS

APS, L.R.M.M.; PIANTOLA, M.A.F.; PEREIRA, S.A.; CASTRO, J.T.; SANTOS, F.A.O.; FERREIRA, L.C.S. **Advents of vaccines and the consequences of non-vaccination: a critical review**. Rev Saúde Pública, 2018; 52:40. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v52/0034-8910-rsp-S151887872018052000384.pdf> . Acesso em: 21 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria de Vigilância em Saúde**. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. Programa Nacional de Imunizações. Relatório técnico nº 01/2016/CGPNI/DEVIT/SVS/MS: critérios para orientar o processo de decisão para introdução da vacina contra a dengue no Programa Nacional de Imunizações (PNI). Brasília: Ministério da Saúde; 2016. Disponível em: <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2016/maio/05/relatorio-01-criterios-orientar-decisao-vacina-dengue.pdf> . Acesso em: 20 maio 2021.

COSTA, B. B.; VIEGAS, D. J.; MOREIRA, T. A.; ABREU, P. A. **O movimento antivacina no YouTube nos tempos de pós-verdade: Educação em saúde ou desinformação?** Revista Mídia e Cotidiano ISSN: 2178-602X Artigo Seção Livre Volume 14, Número 1, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/38210/0> . Acesso em: 28 abr. 2021.

DRESCH, L. S. C.; PRETO, D. R.; FARIA, M. A.; CASAGRANDE, A. P.; SCHMITZ, D.; DOMINGUES, H. S.; ROCHA, C. M. F. **Fake News e vacinas nas era “pós-verdade**. v. 14 n. 2: **Comunicação em Saúde**, 2020. Disponível em: <https://www.tempus.unb.br/index.php/tempus/article/view/2610> . Acesso em: 29 abr. 2021.

FERNANDES, C. M.; MONTUORI, C. **A rede de desinformação e a saúde em risco: uma análise das fake News contidas em ‘As 10 razões pelas quais você não deve vacinar seu filho**. Reciis – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde. 2020 abr.-jun.;14(2):444-60. 2020. Disponível em:

<https://www.reciis.iciict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1975/2363>. Acesso em: 30 abr. 2021.

FERRO, M. R. C.; CALDAS, R. S. **A trajetória da cobertura vacinal no Brasil e a influências das Fake News**. 2019. 25f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização). Universidade de Tiradentes. Aracaju, 2019. Disponível em: <https://openrit.grupotiradentes.com/xmlui/handle/set/2457>. Acesso em: 29 abr. 2021.

HOCHMAN, G. **Vacinação, varíola e uma cultura da imunização no Brasil**. Rev. Ciência & Saúde Coletiva, v.16, n.2, p.375-386, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v16n2/v16n2a02.pdf>. Acesso em: 20 maio 2021.

HORTAL, M.; DI FABIO, J.L. **Rechazo y gestión en vacunaciones: sus claroscuros**. Rev Panam Salud Pública 2019; 43:e54.

LESSA, S. C.; DÓREA, J. G. **Bioética e vacinação infantil em massa**. Rev. Bioética, v. 21, n.2, p. 226-36, 2013.

MASSARINI, L.; LEAL, T.; WALTZ, I. **O debate sobre vacinas em redes sociais: uma análise exploratória dos links com maior engajamento**. Cad. Saúde Pública vol. 36 supl.2. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2020001405001&script=sci_arttext. Acesso em: 29 abr. 2021.

MCCLURE, C.C; CARTALDI, J.R; O'LEARY, S.T. **Vaccine Hesitancy: WhereWeAreand Where WeAreGoing**. Clinical Therapeutics, v. 1, n. 1, p. 1-13, 2017.

PASSOS, F. T.; FILHO, I. M. de M. **MOVIMENTO ANTIVACINA: REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA SOBRE FATORES DE ADESÃO E NÃO ADESÃO À VACINAÇÃO**. Revista JRG de Estudos Acadêmicos, v. 3, n. 6, p. 170–181, 2020. DOI: 10.5281/zenodo.3891915. Disponível em: <http://www.revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/115>. Acesso em: 30 abr. 2021.

QUEREDO, J.P.; INÁCIO, M.; WIECZORKIEWICZ, A.M.; INVERNIZZI, N. **A política de vacinação contra o HPV no Brasil: a comunicação pública oficial e midiática face à emergência de controvérsias**. Revista Tecnologia e Sociedade 2016; 12:1-26.

RAMOS, P. E. **A ameaça da não-vacinação na sociedade digital e da desinformação**. 2019-2020. 25f. Monografia (Mestrado em Integrado em Medicina. Faculdade de Medicina Universidade do Porto. Porto. 2020. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/128709/2/414438.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2021.

ROITT, I.; BROSTOFF, J.; MALE, D. **Imunologia**. 6. ed. Barueri: Manole, 2003.

SACRAMENTO, I.; PAIVA, R. **Fake news, WhatsApp e a vacinação contra febre amarela no Brasil**. MATRIZES, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 79-106, 2020. DOI:

10.11606/issn.1982-8160.v14i1p79-106. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/160081>. Acesso em: 30 abr. 2021.

SACRAMENTO, I. **A saúde numa sociedade de verdades**. RECIIS (Online) 2018; 12:4-8.

TEIXEIRA, A.M.S.; DOMINGUES, C.M.A.S. **Monitoramento rápido de coberturas vacinais pós-campanhas de vacinação no Brasil: 2008, 2011 e 2012**. Epidemiol Serv Saúde. 2013 out-dez; 22(4):565-78. Disponível em: <http://scielo.iec.gov.br/pdf/ess/v22n4/v22n4a03.pdf> . Acesso em: 20 maio 2021.

TEIXEIRA, A.; SANTOS, R.C. **Fake News colocam a vida em risco: a polêmica da campanha de vacinação contra a febre amarela no Brasil**. Reciis. Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde. (1):72-89, 2020. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/40875/2/8.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2021.

VICTORA, C.G. **40 anos do Programa Nacional de Imunizações: o desafio da equidade**. Epidemiol Serv Saúde [Internet]. 2013 abr-jun [citado 2019 jul 29];22(2):201-2. Disponível em: <http://scielo.iec.gov.br/pdf/ess/v22n2/v22n2a01.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2021.

WANG, Y.; MCKEE, M.; TORBICA, A.; STUCKLER, D. **Systematic Literature Review on the Spread of Health-related Misinformation on Social Media**. *Soc Sci Med*. 2019;240:112552. doi:10.1016/j.socscimed.2019.112552, 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31561111/>. Acesso em: 30 abr. 2020.

WASZAK, P.M; KASPRZYCKA-WASZAK, W; KUBANEK, A. **The spread of medical fake news in social media & the pilot quantitative study**. Health Policy and Technology, v. 18, p. 1-17, 2018.